



A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO AMBIENTE ESCOLAR: A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA EM UMA ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL

Suzi Loise Glória dos Santos (UEA)¹
Maria Celeste de Souza Cardoso (UEA)²

RESUMO: O ensino de Língua Portuguesa tem como um dos objetivos principais preparar o aluno para lidar com a linguagem e suas diversas situações de uso e manifestações, inclusive a estética. O desenvolvimento do saber linguístico implica na produção escrita em linguagem padrão, análise e manipulação da organização estrutural da língua e a percepção das diferentes linguagens. Ao longo desse trabalho, citamos autores que tratam sobre a variação linguística e discutem acerca das variedades linguísticas, tema este que se torna cada vez mais presente no ambiente escolar, em especial nas aulas de Língua Portuguesa. A pesquisa se deu a partir da necessidade de falar sobre o tema, e também mostrar a possibilidade de um ensino que respeite as diferenças e as variações que uma língua possui. Dito isso, o objetivo geral da pesquisa é investigar de que forma os professores podem lidar com a variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa. Existe o preconceito e o julgamento do falar “certo e errado”. As questões norteadoras apontam para a possibilidade de os professores de Língua Portuguesa desenvolverem atividades diversificadas utilizando as variações linguísticas em suas aulas, também a aplicação de oficinas de produção textual podem facilitar o trabalho com essas variações, e os textos produzidos pelos alunos nas oficinas de produção textual podem contribuir para a valorização da escrita formal e não-formal. Os resultados mostram que os professores podem lidar com a variação linguística em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Variação Linguística. Língua Portuguesa. Produção Textual.

INTRODUÇÃO

O ensino de Língua Portuguesa tem como um dos objetivos principais preparar o aluno para lidar com a linguagem e suas diversas situações de uso e manifestações, inclusive a estética. O desenvolvimento do saber linguístico implica na produção escrita em linguagem padrão, análise e manipulação da organização estrutural da língua e a percepção das diferentes linguagens. Ao longo do trabalho, citamos autores que tratam sobre a variação linguística, e discutem acerca das variedades linguísticas, tema este que se torna cada vez mais presente no ambiente escolar, em especial nas aulas de Língua Portuguesa.

¹ Acadêmica de 8º período do Curso de Letras.

² Professora de Língua Portuguesa e Orientadora de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. Mestre em Letras e Artes pela Universidade do Estado do Amazonas.

A pesquisa se deu através da necessidade de falar sobre o tema, e também mostrar se é possível um ensino que respeite as diferenças e as variações que uma língua possui. Dito isso, o objetivo geral da pesquisa é investigar de que forma os professores podem lidar com a variação linguística no ambiente escolar, onde existe o preconceito e o julgamento do falar “certo e errado”.

É fato que a língua portuguesa é composta por diversas transformações e por diversas variantes, e fazer o estudo dessas variações é também aprender um pouco sobre identidade e cultura, além de respeito às diferenças linguísticas de cada falante. A partir disso, procuramos responder às seguintes questões: de que forma os professores podem lidar com a variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa? É possível que os professores de Língua Portuguesa desenvolvam atividades diversificadas de variação linguística em suas aulas? A aplicação de uma oficina de produção textual facilita o trabalho com a variação linguística? Os textos dos alunos produzidos em uma oficina de produção textual podem contribuir para a valorização da escrita formal e não formal?

Assim, falar sobre a linguagem e suas diferentes formas é também falar sobre a cultura de cada estudante sendo eles vindos de lugares diferentes, apesar de cada um de nós usarmos o mesmo código linguístico, o “português brasileiro”, há diversas variações que são determinadas a partir do espaço geográfico e de cada comunidade do falante. A linguagem é qualquer manifestação compreensível de ideias, usá-la é natural do ser humano como instrumento e consequência das ações sociais, é por meio dela que se processam as trocas de experiências na vida em sociedade. Quando se trata de ensino, a linguagem objetiva é fundamental uma vez que pode acontecer em níveis específicos, os quais dependem da situação em que se esteja vivendo, ou seja, no contexto das interações sociais.

Durante o processo de formação acadêmica, em especial nas aulas de Linguística, um dos temas de bastante interesse foi o estudo das variações linguísticas, não só por viver num estado diversificado, mas também num país onde o preconceito ainda existe no simples modo de falar e de se expressar. O foco principal da pesquisa é analisar de que forma a escola ou o educador lida com a variação linguística trazida por alguns estudantes e como trabalhar a associação ao conteúdo a ser passado nas aulas de gramática, não deixando de lado o ensino dessa gramática e de sua importância na vida do estudante, mas também mostrar que a variação linguística faz parte da identidade cultural e assim fazer dela um instrumento de aprendizagem.

1 LÍNGUA, LINGUAGEM E FALA

A Linguística é a ciência que se preocupa com o estudo da língua como fato social, como diz André Martinet:

A linguística é o estudo científico da linguagem humana. Diz-se que um estudo é científico quando se baseia na observação dos fatos e se abstém de propor qualquer escolha entre tais fatos, em nome de certos princípios estéticos ou morais. ‘Científico’ opõe-se a ‘prescritivo’. No caso da linguística, importa especialmente insistir no caráter científico e não prescritivo do estudo: como o objeto desta ciência constitui uma atividade humana, é grande a tentação de abandonar o domínio da observação imparcial para recomendar determinado comportamento, de deixar de notar o que realmente se diz para passar a recomendar o que deve dizer-se”. (MARTINET, 1978, p. 3)

Baseado nisso, obtém-se que ela tem a função de examinar as adaptações que os falantes fazem nos mecanismos da língua, e nas inúmeras interações sociais de que participam, cabe a ela, a língua como linguagem e a fala como operacionalização da língua. Sendo assim, os estudos linguísticos acontecem sobre os mecanismos da língua, sobre os ramos da fonologia, fonética, morfologia, sintaxe, semântica, entre outras.

Não são todos os linguistas que concordam sobre esses ramos terem um grande significado, como os linguistas cognitivos, os quais creem que a semântica e pragmática são arbitrárias. Um dos métodos mais utilizados por estudar a linguagem verbal humana, é a observação, pois as variações linguísticas ocorrem na maior parte, na linguagem oral e em diferentes contextos. Diante disso, a linguística se relaciona com outras áreas de conhecimento, como a psicologia, neurologia, sociologia, etnografia, e assim acaba por adentrar em seus próprios ramos de estudo, como a psicolinguística, neurolinguística, sociolinguística, etnolinguística, sendo nestes o principal fator as relações entre linguagem, fatos linguísticos e sociais, assim como o pensamento humano.

1.1 LÍNGUA

A língua é um código estruturado, um conjunto organizado de relações adotado para permitir o exercício da linguagem entre os homens. Alguns teóricos, traçam suas definições para a ela. Para Proença Filho (1994), a língua pode ser entendida como a realização de uma linguagem, um sistema de signos que permite configurar e traduzir a multiplicidade de vivências caracterizadoras do modo de ser de cada um no mundo.

[...] A língua é um **sistema de signos**, ou seja, um conjunto organizado de elementos representativos. Como tal, é regida por princípios organizatórios específicos e marcados por alto índice de complexidade: envolve dimensões fônicas, morfológicas, sintáticas e semânticas que, além das relações intrínsecas, peculiares a cada uma, são também caracterizados por um significativo inter-relacionamento. A rigor, a língua, mais do que um sistema, é um conjunto de subsistemas que a integram. (PROENÇA FILHO, 1994, p. 14-15)

Para o estudo de língua portuguesa nas séries fundamentais, essas definições têm profunda relevância, uma vez que a língua é, antes de tudo, uma realização humana, uma atividade psíquica que como tal precisa ser tratada. Considerar o contexto em que se processa o estudo da língua é fundamental. Sem as devidas considerações, há um enorme risco de se mecanizar o processo: “Temos de fazer um grande esforço para não incorrer no erro de estudar a língua como uma coisa morta, sem levar em consideração as pessoas vivas que a falam.” (BAGNO, 2001, p.9)

O estudo das variedades linguísticas tem como objetivo ligar a aprendizagem e o respeito às diferenças vocabulares. A fala é a utilização individual da língua. Não há língua sem fala, não há fala fora da língua. A aquisição da linguagem é um processo contínuo dessa língua, muitas vezes cultural. Para o Behaviorismo, a linguagem é dada a partir da interação com o meio, como afirma Skinner (1969), os humanos poderiam construir estímulos linguísticos que, em seguida, viriam à adquirir controle sobre o comportamento deles, do mesmo modo que os estímulos externos poderiam.

O estudo linguístico busca explicar as diversas formas de comunicação ou a maneira como são usados os vocábulos, fazendo uma ligação de palavras e seus significados com a interação que ocorre em diferentes ambientes e diferentes pessoas. Também vale ressaltar o conceito de gramática, que nada mais é do que uma convenção adotada por falantes de uma mesma comunidade linguística para o uso da língua. A gramática não deve ser confundida com a língua, pois como vimos, a língua ao se realizar na fala, transforma-se nas situações do cotidiano, nas relações sociais do indivíduo.

O estudo das variações linguísticas requer do educador, a percepção que essa existência não é por acaso, cabe a ele significar a importância dessas variações, já que é certo que elas estão presentes na vida dos alunos. Cagliari (2000) resalta que “para a escola aceitar a variação linguística como um fato linguístico, precisa mudar toda sua visão de valores educacionais”. O ensino escolar deve estar aberto às diferentes variações linguísticas, fazer o

reconhecimento e avaliação das características de cada aluno é fundamental na condução de uma educação significativa.

1.2 LINGUAGEM

Toda manifestação compreensível de sentimentos ou ideias constitui a linguagem, existe linguagem em todas as relações humanas, caracterizam-se como verbal, musical, gestual, etc. O ser humano é o único ser capaz de produzir linguagem como atividade psíquica, racional, consciente, diferente dos animais irracionais, que utilizam a linguagem como resultado do instinto, das percepções sensoriais.

Usar a linguagem é algo natural do ser humano, pois esta é uma consequência da necessidade de comunicação entre eles. Para o filósofo Jean-Jacques Rousseau (1978), a linguagem humana teria evoluído gradualmente a partir da necessidade de exprimir os sentimentos, até formas mais complexas e abstratas. Ou seja, não seria possível a organização dos seres humanos em sociedade sem a linguagem. Ao contrário de Rousseau, o filósofo George Herbert Mead (1934), diz que a linguagem gestual precedeu a linguagem falada, uma vez que a necessidade das ações humanas para a alimentação através da caça, e sua proteção de outros animais os fez desenvolverem gestos, dessa forma a comunicação dos indivíduos só seria possível se todos adotassem o mesmo significado para cada gesto.

Na Linguística Moderna, o linguista Noam Chomsky trouxe uma grande contribuição para a linguagem e o pensamento, em sua teoria, a criança precisaria de pouca informação da língua para aprender como a linguagem funciona, pois a sua estrutura mental está geneticamente articulada um conjunto de regras para a utilização dessa linguagem. Por natureza, a linguagem é um objeto sujeito a alterações, Antunes diz que:

“[...] a linguagem é um fato social, não é um fato natural ou de propriedade biológica; a linguagem é uma instituição de invenção humana, um instrumento de comunicação, um conjunto de signos convencionais que só ligam ao conceito de significantes e significados – a linguagem compreende um conjunto de sons articulados e também um sistema de estrutura altamente complexa e simétrica.” (ANTUNES, 2012, p. 35)

1.3 FALA

Temos o conceito de que a fala é um ato singular, pois cada indivíduo pode optar pelas variedades da língua que deseja para exposição da fala, ou seja, os sinais utilizados pelo indivíduo é a linguagem oral. De acordo com o contexto, o momento, a sua personalidade, o

ambiente sociocultural que está inserido, e etc. Há uma característica individual da fala, por isso observamos variados níveis, tais como:

Nível coloquial-popular, que é uma fala mais utilizada na rotina das pessoas, presente nas situações informais, ou seja, uma fala espontânea, onde a maioria dos indivíduos não se preocupam com a forma da língua ao falar em um ambiente não-formal. Exemplo: Bora eu e tu dá uma volta?

Nível formal- culto, nesse nível existe uma preocupação com a forma correta de falar das regras gramaticais da nossa língua, geralmente utilizadas em situações formais.

Desse modo, vimos que a fala é algo estritamente individual, pois cada pessoa tem seu jeito próprio de se manifestar em meio a um grupo social, usando de seus conhecimentos linguísticos, e esta torna-se apta a expressar seu pensamento de acordo com o seu modo de ver o mundo, e isso vem desde cedo, pois para uma pessoa ser compreendida, ela não precisa falar ou escrever igual ao outro, por isso se torna algo estritamente pessoal.

2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCOLA

Ao adentrar em uma sala de aula, nos deparamos com alunos de personalidades diferentes, podemos perceber no modo de falar de cada um, assim como a presença de sotaques trazidos de outras regiões, o que é comum, a variação linguística. Dessa forma, trabalhar de maneira igualitária o ensino da Língua Portuguesa, se torna um desafio ainda maior para os professores.

Segundo o linguista, filósofo e tradutor Marcos Bagno, a variação linguística é um tema muito interessante em si mesma, é um fenômeno da linguagem capaz de explicar muitas coisas sobre a língua e os processos de mudança linguística. Bagno diz:

Se emprendermos uma grande viagem pelo Brasil, de Norte a Sul e de Leste a Oeste, recolhendo os modos de falar das pessoas de todas as regiões, de todos os estados, das principais cidades, da zona rural etc., vamos perceber que existem diferenças nesses modos de falar [...] Há muita semelhança, também, mas são as diferenças que chamam mais a atenção e que permitem classificar esses variados modos de falar. Quando você consegue identificar os traços característicos de um determinado modo de falar a língua, você pode chama-lo de variedade. Se você, em vez de sair viajando pelo país, decidir estudar os modos de falar das pessoas de um mesmo lugar – uma grande cidade, por exemplo – vai notar também que a variedade falada nesse lugar apresenta diferenças que correspondem às diferenças que existem entre as pessoas: grau de escolaridade, situação socioeconômica, faixa etária, origem geográfica, etnia, sexo etc. (BAGNO, 2001, p. 41)

Na escola, assim como na sociedade em geral, a variação linguística é vista como um empecilho para o ensino da língua padrão, ou seja, ela acaba desvalorizando as demais variedades da língua ao julgá-la de “erro” aquilo que se distancia dessa língua considerada “correta”. A autora Maris Stella Bortoni-Ricardo diz que:

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade [...] os alunos que chegam à escola falando “nos chegemu”, “abrido”, e “ele drome”, por exemplo, têm que ser respeitados e ser valorizadas as suas peculiaridades linguístico-culturais, mas têm o direito inalienável de aprender as variantes do prestígio dessas expressões. Não se lhes pode negar esse conhecimento, sob pena de se fecharem para eles as portas, já estreitas da ascensão social [...]. (BORTONI-RICARDO, 2005, p.15)

Assim sendo, a escola como instituição de ensino do aluno não pode ignorar as diferenças socioculturais herdadas por alguns deles, é preciso que os professores tornem o processo de ensino aprendizagem uma forma de valorização cultural, para assim direcionar o aluno na norma padrão da língua, mostrando que os modos de falar dependem do contexto social de cada um.

3 METODOLOGIA UTILIZADA

A pesquisa em questão, parte da necessidade de mostrar como a variação linguística está presente no ambiente escolar e como os professores podem lidar com o processo ensino-aprendizagem dos estudantes. O tipo de pesquisa usada foi a bibliográfica, quando reunimos as informações e dados que serviram de base para a construção da investigação proposta sobre o tema Variação Linguística, logo após, foi feito o aprofundamento do assunto através das leituras e fichamentos realizados. Desta forma, além de traçar um histórico sobre o objeto de estudo, a pesquisa bibliográfica também ajudou a identificar contradições e respostas anteriormente encontradas sobre as perguntas formuladas, e assim descobrimos a melhor metodologia para ser utilizada na produção do trabalho, usamos fontes como livros e artigos, os analisamos e os interpretamos fazendo anotações e fichamentos sobre os conteúdos mais importantes, e que foram usados como fundamentação teórica deste trabalho.

Também utilizamos a pesquisa de campo, a qual foi uma das etapas que correspondeu à observação, coleta, análise e interpretação dos fatos e fenômenos que ocorreram em um

determinado lugar, que foi a escola. Esta foi uma etapa importante da pesquisa, pois extraímos dados e informações diretamente da realidade do objeto de estudo, como também definimos os objetivos e hipóteses desta pesquisa, assim como mostrou a melhor forma para coletar os dados necessários, usamos entrevistas e questionários avaliativos, os quais deram respostas para a situação e o problema abordado na pesquisa. Após a coleta de dados, realizamos a análise e a interpretação desses dados, buscando sempre compreender e explicar o objeto de estudo da pesquisa.

Assim, foi distribuído aos vinte alunos do 8º ano “A”, de uma determinada escola, situada no Bairro Itaúna 1, no município de Parintins, um questionário com seis questões sobre o tema Variação Linguística. Como também foi aplicada uma oficina de produção textual em forma de Fanfic, que se trata de textos ou histórias escritas por fãs de um determinado filme ou série, esses textos se encaixam no gênero digital, uma vez que são encontrados na internet.

Por fim, foi realizada uma entrevista com duas professoras de Língua Portuguesa da mesma instituição, com sete questões abordando o tema e a forma como elas lidam com a Variação Linguística em suas aulas, trazendo a proposta da oficina com produção textual em forma de Fanfic, para contribuição da valorização da escrita formal e não formal.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Diante do resultado do questionário distribuído aos vinte alunos presentes no dia, obtivemos as seguintes respostas das respectivas perguntas. A primeira foi sobre a origem dos alunos, se nasceram na Zona Urbana ou na Zona Rural, e apenas uma aluna respondeu que nasceu na Zona Rural. Na segunda foi perguntado se eles já tinham ouvido falar em Variação Linguística. Treze respostas foram “sim”. A partir das respostas é necessário que o professor ao analisar a sua prática, reflita sobre os contextos e condições nos quais o processo ensino-aprendizagem ocorre, cabe a ele adequar sua ação à realidade do aluno, interagindo com ela e dela extraindo constantemente os dados que lhe permitam tornar sempre mais efetivo o processo educativo, desse modo, ao alterar a metodologia em função do contexto e condição da turma em questão, a escola adapta o aluno às suas expectativas.

A terceira questão foi sobre as aulas de Língua Portuguesa, se o (a) professor (a) de Língua Portuguesa aborda o tema Variação Linguística em suas aulas. Doze alunos

responderam que “sim”, e oito disseram que “não”. Analisando a questão é importante destacar que o tema Variação Linguística está se tornando cada vez mais presente em nossa sociedade e nos estabelecimentos de ensino, principalmente nas escolas de educação básica, e a partir desse contexto, torna-se necessário um ensino voltado para as diferentes formas de falar, valorizando a cultura e a língua materna de cada ser humano, pois embora partilhemos de um mesmo código linguístico, sendo ele o português brasileiro, existem também essas variações linguísticas que são determinadas pelo espaço geográfico, social ou pelo grau de escolaridade de cada um. Então, o professor abordar o tema Variação Linguística em suas aulas é importante, já que ele mesmo pode fazer a associação daquilo que o educando traz de sua língua materna para o conteúdo a ser ensinado em sala de aula, a gramática da língua padrão deve ser estudada sempre, assim como as variações que fazem parte da identidade do indivíduo, e que representa a sua cultura.

Na quarta questão foi perguntado se os alunos sentem dificuldades em desenvolver uma produção textual utilizando a norma culta da Língua Portuguesa. Dez alunos responderam que “sim”. Isso mostra a necessidade de desenvolver atividades que tratem dessa dificuldade em sala de aula. Ao propor a dinâmica da escrita, de modo geral, o professor está mais interessado em avaliar se o aluno sabe escrever de acordo com as regras da língua padrão, do que realmente preocupado em saber o que o educando conhece e pensa sobre determinado assunto ou acerca da realidade em que vive. Nesse sentido, Antunes (2006) diz: “avaliar uma redação, por exemplo, se reduz, assim, ao trabalho de apontar erros, de preferência aqueles que se situam na superfície da linha do texto”. Desse modo, qual seria o estímulo para o aluno realmente dizer o que sente e pensa, se o próprio processo de produção textual não o incentiva a agir dessa forma? Pensando nisso, foi apresentada a quinta questão aos alunos, quando foi perguntado se eles já tinham ouvido falar em Fanfics, e apenas quatro responderam que sim, em lugares como na própria casa, na internet, no tik tok, no Wattpad, na escola, em livros e no Instagram.

Afinal, o que é fanfic? Fanfiction é [...] uma história escrita por um fã, envolvendo os cenários, personagens e tramas previamente desenvolvidas no original, sem que exista nenhum intuito de quebra de direitos autorais e de lucro envolvidos nessa prática. (FELIX, 2008, p. 121). Sabemos que a produção textual e a leitura são de suma importância, desta forma, trabalhar um gênero digital como a fanfic pode atrair ainda mais os alunos, visto que a internet faz parte do cotidiano da maioria deles nessa faixa etária de treze e quatorze anos.

Dito isso, a apresentação desse gênero em sala de aula mostrará formas práticas de se inteirar da melhor forma de como lidar com a leitura e a escrita.

Na sexta questão foi indagado se o professor de Língua Portuguesa costuma desenvolver atividades diferentes em sala de aula. Dezesete alunos responderam que sim. Fazendo a análise dessas repostas, vimos que a maioria respondeu que o professor desenvolve atividades diversificadas em sala de aula, estas são importantes aliadas para o ensino de Língua Portuguesa e devem estar adequadas aos interesses não só dos professores, mas também dos alunos. Atividades diversificadas podem ser ferramentas eficientes no processo ensino-aprendizagem da disciplina em questão, trabalhar os discursos linguísticos é essencial para que o aluno conheça meios sociais adequados para cada tipo de linguagem. Sendo assim, o conhecimento da linguagem não-verbal nos diz muito sobre como nos comportamos em nosso meio social, e esse conhecimento faz com que o aluno desenvolva seu pensamento crítico a respeito da linguagem podendo transformá-los em cidadãos críticos e reflexivos em seu próprio convívio social.

Na entrevista realizada com as professoras, foram feitas sete perguntas. A primeira direcionada a se o professor de Língua Portuguesa desenvolve atividades sobre o tema Variação Linguística e, no caso de sim, como essas são desenvolvidas. E também de que forma a professora de Língua Portuguesa pode lidar com a variação linguística em suas aulas.

A partir das respostas podemos compreender que as duas professoras trabalham sim o tema Variação Linguística em suas aulas, a partir de tirinhas do Chico Bento da Turma da Mônica, quando o personagem traz consigo a identidade de uma região, e através desse conhecimento cultural, os alunos podem conhecer que não existe somente um modo de falar. Analisando as respostas, sabe-se que existe um conhecimento extenso quando se trata da linguagem não-verbal, o trabalho realizado pelas professoras através de quadrinhos nos diz muito sobre o que acontece em nosso meio social, assim como as charges, pois temos a combinação da linguagem verbal e não-verbal.

Outra questão direcionada às entrevistadas foi sobre se a oralidade (fala) influi na escrita dos alunos. Como a professora pode desenvolver um trabalho eficaz sobre essa questão. Nessa questão, as duas responderam que sim, influencia bastante na escrita dos alunos, mas as professoras buscam desenvolver um trabalho através da literatura oral, porque o aluno traz consigo o modo de falar da sua comunidade e histórias vividas ou contadas por pessoas da mesma localidade.

O papel dos professores nessa questão, é de conhecer os fatores que intervêm no processo de escolarização do aluno, buscando no dia a dia da rotina escolar um trabalho eficaz a partir das diferenças socioculturais. Sabemos que quando o aluno chega na escola ele traz consigo a variante linguística de seu grupo familiar, a da sua região, e no momento em que a criança adquire o processo da escrita, provavelmente irá escrever como fala, ou apresente a influência da fala na escrita. Como diz Fávero, Andrade e Aquino: “a escrita tem sido vista como estrutura complexa, formal e abstrata, enquanto a fala, de estrutura simples ou desestruturada, informal concreta e dependente do contexto” (2009, p. 9). Sendo assim, o conhecimento da realidade do aluno é fundamental, para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, como também a valorização da escrita formal e não-formal.

Sobre a possibilidade de trabalhar com a variação Linguística através de uma oficina de produção textual e de que forma, assim como o conhecimento sobre o gênero digital Fanfic, se as professoras já utilizaram esses gêneros em suas aulas e sobre o trabalho com a linguagem formal e não formal, as professoras concordam que sim, é possível trabalhar a variação linguística através de produção textual, através da literatura oral. O gênero digital Fanfic não foi nenhuma vez trabalhado nas aulas de Língua Portuguesa pelas professoras, mas elas afirmam trabalhar com a linguagem formal e não formal.

O trabalho sobre a variação linguística através de uma oficina de produção textual é possível, mas o educador precisa destacar alguns pontos relevantes no que se refere às questões como, marcas da oralidade, dialetos, neologismos, entre outros. É notório que a tecnologia de alguma forma adentra à sala de aula, trazendo a linguagem virtual, e acaba interferindo nas produções textuais realizadas pelos alunos, dessa forma, o desenvolvimento de uma atividade com o gênero textual fanfic faz com que os alunos criem a intimidade com a leitura e a escrita, pois as fanfics nada mais são que manifestações artísticas, onde o autor exprime em alguns casos seus próprios sentimentos, e além de estimular o hábito de ler, incentiva a escrever e interagir com o meio social.

Uma outra questão apresentada na entrevista foi sobre as produções textuais desenvolvidas pelos alunos poderem contribuir para a valorização da escrita formal e não formal. Sobre essa última questão, as duas professoras responderam que sim, as produções textuais dos alunos são importantes para a aprendizagem deles, pois além de trabalharem a escrita não formal, é possível desenvolver o conhecimento sobre a norma padrão da Língua Portuguesa. A escrita e a leitura, assim como a oralidade, estão presentes no dia a dia de cada

ser humano, uma oficina de produção textual na modalidade fanfic, faz com que o próprio professor conheça seus alunos, uma vez que em alguns textos estão histórias e sentimentos reais que o aluno vivenciou, e com essa narrativa ele acaba colocando no papel. De acordo com Dias (2001, p.25), “nossa tarefa, como educadores, seria abordar os mais variados tipos de textos em sala de aula, analisando as semelhanças e diferenças, a estrutura textual de cada um, o vocabulário utilizado, buscando incentivar a leitura, a interpretação e a produção pelos próprios alunos dos mais variados portadores de textos existentes e utilizados em nossa sociedade”.

Após a aplicação dos questionários aos alunos e a realização das entrevistas com os professores, oferecemos uma proposta de oficina de produção textual intitulada “Oficina de Produção Textual baseada em Fanfics”. Quando se trata de atividades sobre produção de texto, percebemos de que se torna algo cansativo e menos prazeroso para os alunos que estão cursando o 8º ano do Ensino Fundamental II, sabemos que logo ali chega o Ensino Médio, e assim, a escrita de textos dissertativo-argumentativos se faz bastante presente no ambiente escolar, principalmente para que estejam preparados para os vestibulares se desejarem cursar uma faculdade.

Ao criar a oficina de produção de texto, pensamos em algo que não se tornasse chato e demorado para ser feito, logo veio a ideia de produções de “Fanfics”, que são textos escritos por fãs de uma determinada série ou filme, até mesmo livros, onde os autores da história acabam sendo eles mesmos, ou seja, o fã que escreve a história pode modificá-la, como, por exemplo, mudar o final, adicionar personagens e etc., e eles sendo adolescentes, a maioria adora filmes e séries, então, logo a atividade se tornou uma produção de texto divertida para todos.

A realização da oficina foi feita juntamente com os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II. O Objetivo Geral foi realizar uma atividade que contribuísse para a valorização da escrita formal e não formal. A oficina foi dividida em dois momentos: No primeiro momento foi feita uma exposição sobre o gênero digital Fanfic com uma conversa informal sobre os interesses dos alunos por filmes, séries, desenhos e etc. No segundo momento, foram distribuídas folhas em branco de papel A4, assim como lápis de cor, para a realização da oficina, a partir desse momento os alunos começaram a escrever seus textos, em seguida, foi feita a socialização com os colegas.

Nessa oficina de produção textual, foi pedido que os alunos escrevessem uma Fanfic, então percebemos que a maioria desses estudantes sentem dificuldades em desenvolver um texto, muitas vezes por não terem o hábito da leitura. Marcuschi (2002, p. 24), define o texto como “uma identidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual”, ou seja, apesar dos diferentes gêneros textuais, o texto pode ser desde um simples enunciado a um romance com vários volumes. Nessa perspectiva, doze alunos conseguiram finalizar seus textos, alguns com muitos desvios ortográficos, falta de acentuação e coerência.

As produções foram em forma de Fanfic com temas diversos, alguns muito interessantes, quando o aluno acabou se expressando de maneira espontânea e se colocaram no próprio texto, é notório o interesse deles quando é levado o conteúdo de um jeito mais dinâmico, a participação se torna maior, a aprendizagem mais significativa. A partir do processo de leitura de uma fanfic, o leitor não relaciona com o texto de forma isolada, mas realiza suas próprias intertextualidades, através de vivências individuais. Para fazer com que o aluno tenha interesse pelos textos literários a serem trabalhados, primeiro o professor precisa conhecer os gostos de cada um, saber sobre o que eles leem e escrevem, e assim construir um diálogo com eles, desse modo trazer livros atrativos para tornar as aulas mais interessantes.

Sendo assim, as discussões acerca do tema variação linguística no ambiente escolar foram essenciais para a aprendizagem e o conhecimento dos diferentes modos de falar, é possível afirmar a importância de se trabalhar sobre o tema, visto que a língua está em constante transformação em relação às diversas maneiras de se comunicar.

O desafio para os professores é grande, pois cabe a eles levar o conhecimento para seus alunos, e ensiná-los da “maneira correta”, mas também procurar conhecê-los, é importante corrigir sem deixar ninguém constrangido, e mostrar qual a forma correta de usar a escrita em um texto ou trabalho escolar. É preciso conscientizar o aluno de que existe uma norma padrão, mas é importante saber adequar a sua fala em diferentes contextos.

A partir dessa pesquisa, esperamos mostrar a necessidade de inovação das práticas docentes através de ferramentas interessantes para o trabalho com a língua de forma consciente e inovadora, no sentido de romper com a barreira do escrever “certo”, e assim conceber a linguagem como forma de interação social, não somente acerca da norma padrão, mas também com as variações linguísticas trazidas pelos alunos, nas aulas de Língua Portuguesa no âmbito escolar.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A diversidade linguística no ambiente escolar, na maioria das vezes, é ignorada pelo professor, e também pelo grupo que se diz falante da variante dita padrão. Dessa forma, percebe-se a falta de atividades voltadas para lidar com essa questão, a qual é, todavia, incompreendida pela sociedade.

Nesse sentido, Antunes (2015) define que o papel do professor de Língua Portuguesa é levar o aluno ao contato com diversos gêneros textuais orais e escritos, e dessa forma, na medida em que esses gêneros são conhecidos e trabalhados em sala de aula, atuando tanto na sua prática de leitura, como de produção textual, a língua passa a ser vista como um processo de interação verbal. E assim como o professor, o aluno passa a ter uma aprendizagem ainda mais significativa, não só nas aulas de Língua Portuguesa, mas na vida em sociedade.

A pesquisa teve um resultado satisfatório, pois através das produções textuais dos alunos em forma de Fanfics, percebemos como a variação linguística está presente, assim como a marca de uma linguagem popular, e se torna possível até mesmo conhecer esses alunos, pois alguns se colocam como personagem da sua própria história.

Para concluir, acreditamos que os professores podem utilizar a própria fala dos alunos, para o ensino da gramática, mostrando por exemplo que expressões e marcas da comunidade onde ele vive são variadas formas de dizer a mesma palavra, e o ensino da Língua Portuguesa pautado na Linguística explica essas variações, e assim posteriormente direcioná-lo a como empregar certas palavras na gramática normativa, para assim construir a valorização da escrita formal e não-formal.

O objetivo geral foi alcançado, uma vez que investigar de que forma os professores podem lidar com a variação linguística no ambiente escolar, é essencial para buscar métodos eficazes para desenvolver trabalhos sobre a temática em sala de aula. Em relação aos objetivos específicos, a escola ainda precisa de materiais didáticos sobre o tema variação linguística, que ainda é pouco trabalhado, uma vez que necessitam desses recursos, foi possível verificar que essa variação é abordada, mas merece um pouco mais de atenção.

Foi percebido que as questões norteadoras são verdadeiras, visto que a realização de oficina de produção textual contribui com a valorização da escrita formal e não-formal, e é possível que os professores apliquem essas atividades diversificadas para o estudo da mesma.

Essa pesquisa é importante, pois tem como finalidade analisar como os professores lidam com o trabalho das Variações Linguísticas nas aulas de Língua Portuguesa, para assim

observar onde existem espaços a serem ocupados sobre esse tema tão necessário não só na escola, mas também na sociedade em geral.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. C. As primeiras manifestações linguísticas da língua portuguesa: políticas de língua nacionais. In.: SALEM, Khalil (Org). **Linguagens em mosaico: da teoria linguística ao prisma literário**, 2012, p. 35-44.

ANTUNES, I. Avaliação da produção textual no ensino médio. In: BUNZEN, C. e MENDONÇA, M. **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: O que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2001.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e Educação. São Paulo: Parábola, 2005.

CAGLIARI, Gladis. **O texto na alfabetização: Coerência e coesão**. Campinas. Mercado das letras. 2001.

DIAS, Ana Iorio. **Ensino da linguagem no Currículo**. Fortaleza: Brasil Tropical, 2001.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O; AQUINO, Zilda G. O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FELIX, Tamires Catarina. **O dialogismo no universo fanfiction: uma análise da criação de fã a partir do dialogismo bakhtiniano**. Revista: Ao pé da Letra – Volume 10.2 – 2008, p. 119-133.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. B; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MEAD, George H. **Mind, self and society**. Chicago: The University of Chicaco Press. (Original publicado em 1967).

MARTINET, André. **Elementos de Linguística Geral**. Lisboa: 8ª edição, Martins Fontes. 1978.

PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de época na literatura**. 14, ed. São Paulo: Editora Ática, 1994.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Ensaio sobre o entendimento das línguas**. 2, ed. São Paulo: Abril Cultural, (Os pensadores), 1978.